



SEÇÃO: TRADUÇÃO

O verdadeiro método¹

The True Method

El Método Verdadero

G. W. Leibniz

Fabrizio Fortes²

orcid.org/0000-0002-3691-4010

fortes.fp@gmail.com

Recebido em: 7/2/2020.

Aprovado em: 20/5/2020.

Publicado em: 12/01/2021.

Visto que a felicidade consiste no contentamento, e que o contentamento duradouro depende da segurança que temos no porvir, fundada sobre a ciência que devemos ter da natureza de Deus e da alma, segue-se que a ciência é necessária à verdadeira felicidade.

Mas a ciência depende da demonstração, e a invenção das demonstrações depende de um *certo método*, o qual não é conhecido por todo mundo. Porque embora todo homem seja capaz de julgar uma demonstração – visto que ela não mereceria esse nome se todos aqueles que a consideram atentamente não se encontrassem convencidos e persuadidos – nem todo homem é capaz de encontrar demonstrações por si mesmo, nem de apresentá-las claramente quando são encontradas, por falta de tempo ou de método.

O *verdadeiro método* tomado em toda a sua extensão é, no meu entender, algo completamente desconhecido até aqui, e não foi praticado senão nas matemáticas. Mais do que isso, ele é bastante imperfeito nas próprias matemáticas, como tive a felicidade de fazer ver, por provas surpreendentes, a alguns que hoje são considerados os maiores matemáticos do século. E espero oferecer aqui algumas amostras dessas provas, as quais não serão, talvez, indignas da posteridade.

Contudo, se o método dos matemáticos não foi suficiente para descobrir tudo o que seria desejável, foi ao menos capaz de protegê-los de erros; e se eles não disseram tudo o que deveriam, também não disseram nada que não devessem dizer.

Se aqueles que cultivaram as outras ciências os tivessem imitado, ao menos nesse ponto seríamos muito exitosos, e há muito tempo teríamos uma metafísica segura, assim como a moral que dela depende; pois a metafísica compreende o conhecimento de Deus e da alma, que deve regular nossa vida.



Artigo está licenciado sob forma de uma licença
[Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

¹ Este fragmento é um prefácio à *Science Générale*. Pode-se conjecturar que ele data de 1677, segundo indicação abaixo (nota 2). Cf. *Phil.*, VI, 12, e. (Nota de Louis Couturat à edição *Opuscules et fragments inédits de Leibniz: extraits des manuscrits de la Bibliothèque Royale de Hanovre*. Paris: Félix Alcan, 1903, p. 153-157). Adotamos aqui o título que consta na edição da *Akademie Verlag Berlin, Leibniz: Sämtliche Schriften und Briefe* (1983), na qual o texto aparece como *La vraie méthode*.

² Universidade Federal da Bahia (UFBA), Salvador, BA, Brasil

Além disso, teríamos a ciência dos movimentos, que é a chave da física e, por consequência, da medicina. É verdade, segundo creio, que estamos agora em condições de aspirá-la, e alguns de meus primeiros pensamentos foram recebidos com tantos aplausos pelos mais sábios de nosso tempo, devido à sua maravilhosa simplicidade, que creio que nos resta presentemente apenas fazer certos experimentos, com um projeto e um objetivo deliberados, e não por acaso nem tateando, como se faz comumente, a fim de estabelecer sobre ela o edifício de uma física segura e demonstrativa.

Ora, a razão pela qual a arte de demonstrar não se encontra até aqui senão nas matemáticas não foi compreendida por quem quer que seja, pois se tivéssemos conhecido a causa do mal, há muito tempo teríamos também encontrado o remédio para ele. Essa razão é que as matemáticas carregam sua prova consigo: pois quando se me apresenta um falso teorema não tenho necessidade de examiná-lo, nem mesmo de saber-lhe a demonstração, pois eu descobriria a falsidade *a posteriori* por um experimento fácil que não exige nada além de tinta e papel, isto é, pelo cálculo, que fará conhecer o erro, por pequeno que seja. Se fosse fácil também em outras matérias verificar os raciocínios por experimentos, não haveria tão diferentes opiniões. Mas o mal é que, em física, as experiências são difíceis e exigem demais; e em metafísica elas são impossíveis; a menos que Deus fizesse um milagre por amor a nós, para nos fazer conhecer as distantes coisas imateriais.

Esse mal não é irremediável, embora inicialmente assim nos pareça. Mas aqueles que quiserem considerar o que direi mudarão em breve seu modo de pensar. É preciso, portanto, observar que as provas ou experiências que fazemos em matemática para nos proteger de um falso raciocínio (como, por exemplo, a prova dos nove, o cálculo de Ludolfo de Colônia sobre a grandeza do círculo, as tabelas dos senos ou outras) não

são feitas sobre a coisa mesma, mas sobre os caracteres pelos quais substituímos as coisas. Pois para examinar um cálculo numérico – por exemplo, se 1677^3 tomado 365 vezes [resulta em]⁴ $612.105 -$, se fosse preciso fazer 365 montinhos e colocar em cada um 1677 pequenas pedras, contando-as até o fim para saber se o número supracitado se encontra aí, jamais poderíamos levá-lo a cabo. Por isso, contentamo-nos em fazê-lo com caracteres sobre o papel por meio da prova dos nove ou de qualquer outra. Do mesmo modo, quando nos propomos uma quadratura do círculo que se pretenda exata, não temos necessidade de fazer um grande círculo material para passar um fio por seu entorno e ver se o comprimento do fio, ou a circunferência, tem em relação ao diâmetro a proporção proposta: isso seria penoso, pois quando o erro fosse de uma milésima ou menor parte do diâmetro, seria preciso construir um grande círculo com muita exatidão. Contudo, não deixamos de refutar essa falsa quadratura pela experiência e pelo uso do cálculo ou da prova numérica. Mas essa prova não se faz senão sobre o papel e, consequentemente, sobre os caracteres que representam a coisa, e não sobre a coisa mesma.

Essa consideração é fundamental nesta matéria, e embora muitas pessoas extremamente hábeis, sobretudo do nosso século, tenham pretendido nos dar demonstrações em matéria de física, de moral, de metafísica e mesmo em política, em jurisprudência e em medicina, no entanto, ou elas se enganaram, devido ao fato de que todos os passos são escorregadios e de que é difícil não cair quando não somos guiados por algumas direções sensíveis, ou mesmo, quando encontraram, não puderam fazer seu raciocínio ser aceito por todos, visto que não havia ainda um meio de examinar os raciocínios por provas fáceis, as quais todos fossem capazes de acompanhar.

Dai é manifesto que se pudéssemos encontrar caracteres ou signos adequados para exprimir todos os nossos pensamentos tão clara e exata-

³ Este número deve ser a data de publicação deste fragmento (Nota de L. Couturat).

⁴ Aqui, como é apontado por Couturat em nota ao texto original, Leibniz esquece a palavra "*fait*" (do verbo "*faire*", isto é, em português, "fazer") que, neste contexto, exprime a ideia de resultado em um cálculo.

mente quanto a aritmética exprime os números, ou quanto a análise geométrica exprime as linhas, poderíamos fazer em todas as matérias, *enquanto elas são sujeitas ao raciocínio*, tudo aquilo que podemos fazer em aritmética e em geometria.

Porque todas as investigações que dependem do raciocínio se fariam pela transposição desses caracteres, e por uma espécie de cálculo; o que tornaria a invenção das belas coisas completamente fácil. Porque não seria preciso quebrar a cabeça como somos obrigados a fazer hoje e, no entanto, seríamos capazes de fazer tudo o que fosse factível *ex datis*.⁵

Ademais, fariamos todos concordarem com o que tivéssemos encontrado ou concluído, pois seria fácil verificar o cálculo, seja refazendo-o, seja testando algumas provas semelhantes àquelas da prova dos nove em aritmética. E se alguém duvidasse daquilo que eu tivesse afirmado, eu lhe diria: calculemos, senhor; e tomando assim a pena e a tinta, resolveríamos brevemente o caso.⁶

Eu sempre acrescento: *tanto quanto podemos fazer pelo raciocínio, ex datis*. Porque embora certos experimentos sejam sempre necessários para servir de base ao raciocínio, no entanto, uma vez dados esses experimentos, extrairíamos deles tudo o que qualquer outra pessoa poderia extrair; e descobriríamos ainda aqueles experimentos que restassem por fazer para o esclarecimento de todas as dúvidas que persistissem. Isso seria de admirável ajuda, mesmo em política e em medicina, para raciocinar sobre os sintomas e circunstâncias dados de uma maneira constante e perfeita. Porque mesmo quando não houvesse suficientes circunstâncias dadas para formar um juízo infalível, poderíamos sempre determinar o que é mais provável *ex datis*. E eis tudo o que a razão pode fazer.⁷

Ora, os caracteres que exprimem todos os nossos pensamentos comporão uma língua nova, que poderá ser escrita e pronunciada: essa língua será muito difícil de ser criada, mas muito fácil de

aprender. Ela será prontamente aceita por todo mundo devido à sua grande utilidade e à sua facilidade surpreendente, e servirá maravilhosamente à comunicação de diversos povos, o que a ajudará a ser aceita. Aqueles que escreverem nessa língua não se enganarão, contanto que evitem os erros de cálculo e os barbarismos, solecismos e outros erros de gramática e de construção. Ademais, essa língua terá uma propriedade maravilhosa, que é a de fechar a boca dos ignorantes. Porque não poderemos falar nem escrever nessa língua senão sobre aquilo que entendemos; ou, se o ousarmos fazer, ocorrerá de duas coisas uma: ou a vanidade das nossas afirmações será manifesta a todos, ou aprenderemos ao escrever e ao falar. Como, com efeito, aqueles que calculam aprendem escrevendo, e aqueles que falam encontram, por vezes, ocorrências sobre as quais não haviam pensado, *lingua praecurrente mentem*.⁸ E isso ocorrerá nessa língua, sobretudo devido à sua exatidão. Tanto quanto não haverá equívocos ou anfibologias, e tudo o que dissermos inteligentemente será dito de maneira pertinente. Essa língua será a maior porta-voz da razão.⁹

Ouso dizer que esse é o esforço último do espírito humano, e quando o projeto for executado, caberá aos homens apenas ser felizes, pois terão um instrumento que não servirá menos para exaltar a razão que o telescópio para aperfeiçoar a visão.¹⁰

É uma das minhas ambições levar a cabo este projeto se Deus me der vida. Eu não o devo senão a mim, e tive o primeiro pensamento sobre ele com a idade de 18 anos, como dei testemunho um pouco depois em um discurso impresso.¹¹ E como estou seguro de que não há invenção que se aproxime desta, creio que não há nada mais capaz de eternizar o nome do inventor. Porém, tenho razões bem mais fortes para pensar assim, pois a religião que sigo exatamente me assegura-

⁵ A partir dos dados.

⁶ Cf. *Phil.*, VII, 26, 64-65; *Carta a Placcius*, 1678 (*Dutens*, VI, I, 22); e *Phil.*, V, 6, f. 19 (ap; *Bodemann*, p. 82). (Nota de L. Couturat).

⁷ Cf. *Carta a Gallois*, 1677 (*Phil.*, VII, 21, *Math.*, I, 181). (Nota de L. Couturat).

⁸ "A língua percorre a mente".

⁹ *Carta a Oldenburg* (*Phil.*, VII, 11; *Briefwechsel*, I, 100); *Carta a Gallois*, dezembro de 1678 (*Phil.*, VII, 23; *Math.*, I, 187). (Nota de L. Couturat).

¹⁰ Cf. *Phil.*, VII, 14, 17, 20, 27, 32, 174, 187, 202, 205, e *Carta a Bourguet*, 1709 (*Phil.*, III, 545). (Nota de L. Couturat).

¹¹ Nomeadamente, a *Dissertatio de Arte Combinatoria* (1666).

ra que o amor de Deus consiste em um desejo ardente de proporcionar o bem geral, e a razão me ensina que não há nada que contribua mais ao bem geral de todos os homens que aquilo que a aperfeiçoa.

Fabício Fortes

Doutor em Filosofia pela Universidade Federal da Bahia (UFBA), em Salvador, BA, Brasil; professor Auxiliar no Departamento de Filosofia da UFBA e na Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS), em Chapecó, SC, Brasil.

Endereço para correspondência

Fabício Fortes

Rua Botafogo, 1312, Apto. 308

Menino Deus, 90150052

Porto Alegre, RS, Brasil